

# Sibelius, o romântico no passado legendário



"Pensar na tirania e na opressão, nos campos da morte e nos massacres em série basta para me deixar doente, moral e fisicamente. É uma das razões pelas quais, durante um período que já se estende por mais de vinte anos, nada compus que pudesse mostrar ao público de coração tranquilo". Apesar de belas e nobres de espírito, tais palavras, pronunciadas pelo único compositor finlandês suficientemente conhecido em todo o mundo, não explicam de modo convincente o motivo pelo qual Johan Julian Christian, ou Jan Sibelius cessou sua atividade criadora em 1929 — permanecendo em absoluto silêncio no seu retiro em Jarvenpaa, nas proximidades de Helsinque, até a morte, em 1957, aos 92 anos.

Dele já se disse que apresentava o suficiente de novidade em sua obra para atrair os que gostam de se sentir mais ou menos avançados; mas, ao mesmo tempo, abeberava-se em suficientes elementos antigos e tradicionais para tranquilizar os mais conservadores. Por isso, talvez, Sibelius tenha conseguido angariar muitos adeptos em todas as partes do mundo. E provavelmente aí se localiza o segredo de sua popularidade: uma pitadinha perfunctória de novidade salpicada em estruturas emprestadas do século XIX, quando não arcaicas mesmo.

A suíte sinfônica "Finlandia", a "Valsa Triste" da música para teatro "Kuolema de Jarnefelt", "O Cisne de Tuonela" e sua "Sinfonia n.º 2", além do seu único "Concerto para Violino e Orquestra em Ré Menor", op. 47 — eis alguns dos hits de uma obra muito variada e extensa, iniciada em 1885 e concluída com a "Sinfonia n.º 7", de 1924.

Estatisticamente, são treze poemas sinfônicos, oito músicas incidentais para teatro, seis pequenas suítes, vinte peças curtas entre balês e aberturas, um concerto para violino, sete sinfonias e mais de cem pequenas peças de câmara.

Neste ano a Finlândia — um pequeno país com 4,5 milhões de habitantes, que viveu seiscentos anos sob a tutela dos suecos e nos últimos quarenta, até 1917, como ducado russo do czar Nicolau II — comemora seus sessenta anos como república independente. E continua, como no dia 6 de dezembro de 1917, a cultivar seu maior compositor, que foi coincidentemente aquinhoado com dois LPs pelas imprevisíveis gravadoras nacionais.

Trata-se de SIBELIUS — SINFONIA 2, com a Orquestra Filarmonica de Londres, regida por John Pritchard (Chantecler) e SIBELIUS — CONCERTO PARA VIOLINO E ORQUESTRA, com a Orquestra Sinfônica-Filarmonica do Japão, conduzida por Seiji Ozawa e tendo como solista Masuko Ushioda.

Embora localizada entre a porção mais populosa de sua produção, tais peças conseguem revelar com clareza os (poucos) méritos e as (muitas) deficiências deste compositor transformado ainda em vida em herói nacional.

A "Sinfonia n.º 2", composta em 1901 e estreada em Helsinque, capital da Finlândia, no ano seguinte, se estrutura — como, aliás, praticamente toda a sua obra — em alguns princípios bastantes elementares: a insistente (e cansativa) repetição de fragmentos de motivos muito simples, abuso do "ostinato" e do "pizzicato" nas cordas, certa preferência pelo registro grave dos instrumentos da sepulcral quase.

A seu favor, pôde-se contar com certo brilhantismo no manejo das grandes massas sonoras, algo de Rimski-Korsakov, mas igualmente o gosto excessivo pelo melodramatismo de Tchaikovski, por extrair. E o máximo que se pode extrair — dependendo do modo como se ultrapassa a barreira de chiados do disco — desta sinfonia, que dá monotonamente a impressão de que seu compositor foi obrigado a preencher quase uma hora de música à força, pouco tendo, de fato, a dizer.

Quanto ao Concerto para Violino, a versão de Seiji Ozawa e Ushioda é melhor, pelo menos no aspecto técnico, já que, em termos qualitativos, não se rompe o obstáculo do virtuosismo quase gratuito — aliás, é geralmente de peças deste gênero que costumam se alimentar os grandes violinistas, numa espécie de egolatria tecnicista.

Quando nasceu, em 1865, na cidade

de Tavestehus, Jan foi destinado, por seu pai médico, à carreira de advogado, vocação que infelizmente abandonou no segundo ano da Universidade de Helsinque, em 1885. Resolvido a se dedicar à música, ganhou imediatamente uma bolsa de estudos do governo de seu país, e foi estudar em Berlim com Goldmark, e em Viena, com Fuchs.

Sua volta à Finlândia coincidiu com uma brutal repressão organizada pelo czar Nicolau II a fim de reprimir movimentos que visavam à independência do então ducado. Meteu-se, então, com os estudantes e a parcela revolucionária da população, ajudando apenas com sua ferramenta de trabalho, a música.

Assim, a suíte "Finlandia", tanto quanto sua própria "Sinfonia n.º 2", foram saudados pelos "partisans" como verdadeiros hinos revolucionários — apesar de se tornar difícil enxergar imparcialmente claros objetivos políticos em tais composições. Seu nacionalismo, antes que político, era muito mais épico, a ponto de ser classificado pelo ótimo Juan Carlos Paz, em "Introdução à Música do Nosso Tempo", como "um romântico que vive um passado legendário, pois o Kalevala e a paisagem finlandesa constituem sua temática quase constante".

Um dos países mais setentrionais do mundo, e chamado de "dos mil lagos", a Finlândia pode ser caracterizada como mais ou menos isolada (nas primeiras décadas deste século) do resto do mundo. Mas Sibelius não teve tal desculpa para não fazer uma música mais conectada com seu tempo.

Afinal, além dos estudos em Berlim e Viena, ele visitou por diversas vezes os demais países europeus, e permaneceu um ano (1913) nos Estados Unidos, dando cursos e divulgando sua obra (por sinal, obteve fantástica aceitação nesta empreitada, a ponto de ser alcunhado de "o maior sinfonista depois de Beethoven" por um afoito crítico americano).

**Johan ou Jan Sibelius é o único compositor finlandês conhecido. Parte de sua obra foi regida por Seiji Ozawa.**

Recusou-se terminantemente a assimilar o estágio de desenvolvimento da música ocidental. Classificava sua "Quarta Sinfonia" como "um protesto contra as composições de hoje". Quer dizer, optou expressamente por uma estética passadista, típica do século XIX. Foi radical em relação a Richard Wagner: "Ouvei em Bayreuth, Tannhauser" e "Lohengrin", o que não me fez experimentar a menor simpatia pela obra de Wagner. Ninguém me convenceu a comparecer aos concertos restantes. Meus passeios nos arredores de Bayreuth me deram muito mais prazer do que os concertos na Festpielhaus". Dos componentes da Escola de Viena — Schoenberg, Alban Berg e Anton Webern —, sua exata contemporânea, declarou que os considerava "intelectuais demais", e, ao se encontrar com Gustav Mahler, cometeu uma gafe espantosa. Comentando sobre a essência da sinfonia, Sibelius disse-lhe: "Admiro sua severidade de estilo e a lógica profunda que cria entre todos estes motivos uma unidade interna. Este é o resultado ao qual cheguei como compositor". Ao que Mahler, perplexo, respondeu: "Não, a sinfonia deve ser como o mundo todo, ela deve abarcar tudo!"

Em todo caso, pelo volume de sua obra — muito desigual, é certo —, Jan Sibelius merece um estudo mais minucioso, ainda a priori feito. Nada pode ser dito a priori contra a popularidade de uma obra, pois, afinal, a "Nona Sinfonia" é tremendamente popular mas consegue, simultaneamente, ser uma obra-prima segundo o mais rigoroso julgamento. Acontece que "O Cisne de Tuonela", "Finlandia" e a "Segunda Sinfonia", entre outras, são desequilibradas demais como coerência de concepção. Por isso, a fragilidade da obra de Sibelius se assemelha muito à imagem que ele mesmo usou para definir a essência da sua música: "Para mim, uma composição musical é como uma borboleta; quando você a toca, sua essência se perde".

João Marcos Coelho